DOI: 10.33148/CES.V40I2.2798

DIÁLOGOS ENTRE PESQUISA ETNOGRÁFICA E ESTUDOS DE LETRAMENTO: UM ESTUDO SOBRE OS EVENTOS DE LETRAMENTO NUM CURSINHO POPULAR

Natália Uriarte Faur[1]
Vítor Jochims Schneider[2]

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar os desdobramentos de uma pesquisa etnográfica, desenvolvida em um cursinho popular situado na região central do Rio Grande do Sul, que investigou a ocorrência de eventos de letramento e a mobilização de práticas letradas em aulas de Literatura e em oficinas de um grupo de leitura. Tomamos como aporte teórico os trabalhos clássicos dos Novos Estudos de Letramento (Heath, 1982; Street, 1984) e seus desdobramentos nas discussões brasileiras (Kleiman, 1995). Compreendemos a etnografia e a observação participante com base em Ingold (2011). Neste artigo, apresentamos um recorte dos dados gerados através da escrita de notas e diários de campo que registram a emergência de eventos de letramento em interações entre educandos e educadores do cursinho popular. Em nosso trabalho, descrevemos e classificamos os eventos de acordo com o seu modo de composição e iniciação e conforme a sua natureza: pedagógica ou emergente (Silva, 2011, 2012). Por fim, propomos algumas reflexões acerca da pertinência da etnografia para a investigação da presença e dos usos da cultura letrada em contextos de educação popular.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento; Eventos de letramento; Etnografia; Educação popular; Cursinho popular.

1 ORCID: https://orcid.org/0009-0006-9999-4798 - Filiação institucional: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - E-mail: nataliaufauro@gmail.com

2 ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4135-2083 - Filiação institucional: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - E-mail: vitorjochims@gmail.com

DIALOGUES BETWEEN ETHNOGRAPHIC RESEARCH AND LITERACY STUDIES: A STUDY OF LITERACY EVENTS IN A COMMUNITY-BASED PREPARATORY COURSE

ABSTRACT

This work aims to present the development of an ethnography research conducted in a community prep-course of the central region of Rio Grande do Sul that investigated the occurrence of literacy events and literacy practices in Literature classes and reading group workshops. Our theoretical framework is based on the classic works of the New Literacy Studies (Heath, 1982; Street, 1984) and their approach in Brazilian discussions (Kleiman, 1995). We understand the ethnography and the participant observation based on Ingold (2011). In this paper, we present an excerpt of the data generated through notes and field diaries that register the emergence of literacy events in interactions between students and teachers at community prep-course. In our work, we describe and classify the literacy events based on their mode of composition and initiation and according to their pedagogical or emergent nature (Silva, 2011, 2012). Finally, we propose some reflections about the pertinence of ethnography for investigating the presence and uses of literacy culture in popular education contexts.

KEYWORDS: Literacy; Literacy events; Ethnography; Popular education; Community prep-course.

DIÁLOGOS ENTRE LA INVESTIGACIÓN ETNOGRÁFICA Y LOS ESTUDIOS DE ALFABETIZACIÓN: UN ESTUDIO SOBRE LOS EVENTOS DE ALFABETIZACIÓN EN UN CURSO PREPARATORIO POPULAR

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo presentar los desarrollos de una pesquisa etnográfica realizada en un cursillo popular ubicado en la región central del Rio Grande do Sul que investigó la ocurrencia de eventos letrados y los usos de prácticas letradas en clases de Literatura y talleres de un grupo de lectura. Nuestro aporte teórico se basa en los trabajos clásicos de los Nuevos Estudios de Literacidad (Heath, 1982; Street, 1984) y su abordaje en las discusiones brasileñas (Kleiman, 1995). Entendemos la etnografía y la observación participante con base en Ingold (2011). En este artículo, presentamos un recorte de los datos generados a través de la escritura de notas y diarios de campo que registran la ocurrencia de eventos letrados en interacciones entre educandos y educadores del cursillo popular. En nuestro trabajo, describimos y clasificamos los eventos de acuerdo con su modo de composición e iniciación y según su naturaleza pedagógica o emergente (Silva, 2011, 2012). Por fin, proponemos algunas reflexiones acerca de la relevancia de la etnografía para la investigación de la presencia y los usos de la cultura letrada en contextos de educación popular.

PALABRAS CLAVE: Literacidad; Eventos letrados; Etnografía; Educación popular; Cursillo popular.

1 INTRODUÇÃO

Em 2024, pela primeira vez, o número de não-leitores ultrapassou o de leitores no Brasil (Instituto Pró-Livro, 2024). Esta afirmação tem origem nos dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil - 6ª edição*, um dos maiores levantamentos estatísticos de abrangência nacional acerca do consumo de livros. O método de coleta da pesquisa consiste em entrevistas domiciliares para aplicação de um questionário de 147 questões, e a definição de leitor utilizada é: "aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro de qualquer gênero, impresso ou digital, nos últimos três meses" (Instituto Pró-Livro, 2024). Com base nessa concepção, o resultado de 2024 indica que 53% dos brasileiros não são leitores. Desde a primeira edição da pesquisa, em 2007, esta é a primeira vez em que a porcentagem de leitores sai em desvantagem.

Quando se considera apenas dados de pesquisas quantitativas como essa, consolida-se a imagem de que os brasileiros não leem ou, então, de que estão lendo cada vez menos. Reportagens acerca do "declínio da leitura" e da "perda de leitores" podem ser facilmente encontradas nos grandes portais de notícias. Por outro lado, ao modificar a natureza da pesquisa, os métodos e os objetivos encontramos outros resultados, que não estabelecem necessariamente uma oposição aos primeiros, mas sim um contraponto. Buscamos, através deste trabalho, apresentar um outro modo — qualitativo e etnográfico — de gerar e interpretar dados acerca da relação entre pessoas e materiais letrados (e não somente livros) que leva, por conseguinte, a um outro caminho de reflexões.

Os dados e as considerações que apresentaremos nas próximas páginas resultam de uma pesquisa de campo etnográfica desenvolvida em um cursinho popular situado na região central do estado do Rio Grande do Sul. Ao partirmos de um contexto sociocultural muito delimitado e de uma maneira situada de produzir conhecimento, não temos a pretensão de propor generalizações. Acreditamos que o entendimento e as experiências formativas em um microcontexto educacional podem impulsionar novas formas de compreender outros contextos sociais nivelados em uma mesma escala social. Esperamos que, a partir dessas experiências, seja possível articular modelos interpretativos comparativos mais abrangentes. Diante disso, compartilharemos as experiências que vivenciamos ao longo da pesquisa de campo no cursinho popular com a expectativa de colaborar nas discussões que envolvem o acesso a e as relações com materiais letrados através de uma perspectiva que entrelaça a prática etnográfica com o campo dos letramentos e da educação popular.

Com base na vertente dos Novos Estudos de Letramento, investigamos interações entre educandos e educadores nas quais a cultura letrada assume um lugar

fundamental na natureza da interação e dos processos interpretativos dos participantes (Heath, 1982) e observamos, nesses momentos, a mobilização de práticas letradas. Detemo-nos, principalmente, em interações situadas em aulas de Literatura e em oficinas do grupo de leitura do cursinho popular. Desse modo, baseamo-nos na concepção de letramento (e nos conceitos vinculados a ela) concebida nas pesquisas clássicas dos Novos Estudos de Letramento (Heath, 1982; Street, 1984) e nos seus desdobramentos nas discussões brasileiras (Kleiman, 1995). Interessam-nos, particularmente, as noções de evento de letramento (Heath, 1982) e prática de letramento (Street, 1984) devido à natureza, em certa medida, empírica dessas ferramentas teóricas. Assim, investigamos de que modo as ocorrências de eventos de letramento tomam forma em interações entre educandos e educadores no cursinho popular e quais práticas letradas são mobilizadas pelos sujeitos para participar da conversa.

Para tanto, tomamos a etnografia como forma situada e sistemática de estar em campo e construir conhecimento com as pessoas e a observação participante como modo de trabalhar em que o pesquisador vive *atencionalmente* com os outros (Ingold, 2016). A etnografia é a uma maneira de produzir conhecimento bastante frequente nos Novos Estudos de Letramento, uma vez que possibilita a construção de um entendimento situado dos usos da cultura letrada por um determinado grupo com base nas experiências vividas em campo e nas significações atribuídas pelos membros do grupo à leitura e à escrita. No nosso caso, em que o campo é um contexto educacional, a etnografia serve não para conhecer um cenário totalmente novo, mas sim para entender um lugar de uma nova forma (Oliveira, 2023). Desse modo, pesquisas etnográficas em contextos educacionais têm um importante potencial formativo na medida em que a investigação da interação em práticas escolares contribui para a transformação da práxis ao possibilitar a identificação de questões macrossociais no microcontexto da sala de aula (Kleiman, 1995).

O campo da pesquisa é um cursinho pré-universitário popular vinculado à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Rio Grande do Sul, como programa de extensão há mais de vinte anos. O público atendido engloba pessoas que já tenham concluído o Ensino Médio ou estejam cursando o último ano e se enquadrem em critérios socioeconômicos de vulnerabilidade social. A esse público de educandos soma-se um corpo docente formado, majoritariamente, por acadêmicos de graduação ou pós-graduação, que se organizam em equipes conforme os componentes curriculares.

Vale destacar que o cursinho em questão fez parte, em 2025, da primeira edição da Rede Nacional de Cursinhos Populares (Cpop), um programa do governo federal que visa prover suporte técnico e financeiro a cursinhos pré-universitários populares e

comunitários. Este é um programa inédito que tem, dentre os seus objetivos, fortalecer os cursinhos populares e comunitários, ampliar as possibilidades de acesso ao ensino superior e contribuir na retomada do interesse dos jovens brasileiros pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Brasil, 2025). Através do edital do Cpop, o cursinho popular, campo da pesquisa, obteve bolsas de auxílio financeiro para educadores e educandos do projeto, além de outros recursos orçamentários.

Além de serem espaços imprescindíveis para a democratização das oportunidades de acesso ao ingresso no ensino superior, os cursinhos populares também são interessantes campos de pesquisa por reunirem sujeitos com diferentes trajetórias escolares e sociais. Bonaldi (2017), a partir de uma pesquisa de campo realizada numa iniciativa de cursinho popular da zona norte paulistana, discute as mudanças de perspectiva geradas nos educandos através do contato com os educadores. Na iniciativa paulistana, os educandos ingressavam no cursinho com o plano de assumir a figura do estudante-trabalhador, que se insere ao mesmo tempo no mercado de trabalho e no ensino superior privado. No entanto, devido ao contato com os educadores, graduandos em instituições públicas em cursos de licenciatura e das humanidades, os estudantes começavam a considerar a educação pública como uma alternativa. Desse modo, os cursinhos populares parecem ser uma espécie de ponto de encontro entre sujeitos de diferentes trajetórias sociais que possivelmente não se encontrariam em outros espaços.

Nosso vínculo com o cursinho popular foi construído antes da concepção do projeto de pesquisa, tendo em vista que uma das pesquisadoras já atuava há mais de dois anos como educadora de Literatura e mediadora do grupo de leitura. Assim, a pesquisa alinhou-se a um trabalho que já estava em andamento na extensão. Após a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)[3], durante o ano letivo de 2025, geramos e analisamos dados de fala-em-interação em aulas de Literatura das turmas da pesquisadora e em oficinas do grupo de leitura, aberto a todas as turmas do cursinho. A geração dos dados ocorreu através da gravação em áudio de 26 aulas e cinco oficinas, da gravação em áudio de treze entrevistas semiestruturadas com educandos e da escrita de 24 diários de campo.

Escrevemos este artigo com o objetivo de apresentar um panorama dos aspectos teórico-metodológicos e dos achados empíricos desta pesquisa etnográfica. Para tanto, apresentaremos um recorte dos dados gerados com diário de campo que descrevem a ocorrência de eventos de letramento, analisados e classificados de acordo com o

3 O projeto de pesquisa, intitulado "Conversas e leituras: análise de eventos de letramento em um cursinho popular", foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) com o parecer número 7.433.642.

modo de iniciação e composição e conforme a sua natureza pedagógica ou emergente com base em Silva (2012, 2021). Acreditamos que a discussão proposta neste trabalho possa trazer contribuições aos estudos de letramento, na medida em que descreve e analisa eventos letrados situados num contexto de educação popular, e aos estudos dos cursinhos populares, na medida em que coloca esses lugares como espaços de acesso e compartilhamento de experiências e materiais letrados entre sujeitos com diferentes trajetórias sociais.

Este artigo está organizado em cinco seções. Na próxima, apresentamos os principais conceitos dos Novos Estudos Letramento que usamos como ferramentas teóricas na pesquisa. Em seguida, na terceira seção, detemo-nos na exposição dos aspectos metodológicos que caracterizaram o trabalho de campo. Na quarta parte, analisamos e discutimos registros de eventos de letramento. Por fim, na quinta e última seção, propomos algumas reflexões e considerações finais acerca dos estudos de letramento, da etnografia e dos espaços de educação popular.

2 APORTE TEÓRICO

Nas últimas décadas, o termo *letramento* popularizou-se no território brasileiro e adquiriu novas acepções. Diante disso, cabe situar para o leitor a partir de qual perspectiva fazemos uso desse termo. Em nosso trabalho, compreendemos os letramentos como um "conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos" (Kleiman, 1995, p. 18). Assim, em nossa pesquisa, o letramento está necessariamente associado à escrita e à cultura letrada. Essa concepção tem sua origem vinculada aos Novos Estudos de Letramento (doravante NEL), que constituem o nosso aporte teórico.

Esta vertente teórica originou-se no universo anglófono, na década de 1980, com pesquisas de campo que investigaram os usos da leitura e da escrita por grupos sociais em contextos situados. Esta foi uma importante mudança de paradigma na medida em que, até então, esse campo de estudos estava dominado por um viés exclusivamente cognitivista que observava apenas a aquisição e o desenvolvimento individual e psicológico de habilidades de leitura e escrita. Desse modo, há um giro teórico, metodológico e epistemológico que leva a uma compreensão social das práticas letradas a partir de experiências particulares e contextualizadas histórica e culturalmente. Deste primeiro grupo de pesquisadores, destacam-se os trabalhos de Shirley Brice Heath (1982) em três comunidades do sudoeste dos Estados Unidos, de Brian Street junto

a vilarejos islâmicos no Irã (2015), e de Sylvia Scribner e Michael Cole em grupos da etnia Vai na Libéria (1981).

As reflexões propostas pelos NEL adentraram as discussões brasileiras a partir, principalmente, dos trabalhos de Magda Soares (2009) e Ângela Kleiman (1995). Nesse campo de estudos, vale destacar também a importância dos trabalhos de Paulo Freire (2006) que, sem fazer uso do termo "letramento", já apresentava uma perspectiva crítica e social das práticas de leitura e escrita ao abordar a alfabetização como uma ferramenta para a emancipação das classes populares e relacionar o domínio dos códigos letrados com o desenvolvimento da consciência crítica.

Brian Street (1984) contribuiu significativamente para a vertente dos NEL ao estabelecer a diferenciação entre os modelos de letramento autônomo e ideológico. O primeiro diz respeito à concepção de que o letramento engloba apenas um conjunto de habilidades técnicas e individuais que são aprendidas homogeneamente por todas as pessoas, independentemente do contexto histórico, cultural e social em que elas estão inseridas. Por outro lado, o segundo modelo envolve (não apenas, mas também) os aspectos micro e macrocontextuais, incluindo as estruturas de poder que permeiam o uso das práticas letradas, compreendidas em sua diversidade e determinadas social e culturalmente. Street (2012, p. 172) ressalta que "o modelo ideológico, por outro lado, não tenta negar a habilidade técnica ou os aspectos cognitivos da leitura e da escrita, mas sim entendê-los como encapsulados em todas as culturas e em estruturas do poder".

Ao trazer essas reflexões para o contexto brasileiro, Ângela Kleiman resgata, em sua obra *Os significados do letramento* (1995), as contribuições do trabalho de Scribner e Cole (1981). A pesquisa de campo junto aos grupos da etnia Vai possibilitou a compreensão de que o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita depende das outras práticas culturais nas quais os sujeitos se envolvem. A partir dessa constatação, percebeu-se que aquelas características cognitivas entendidas como efeitos universais da aquisição da escrita no modelo autônomo são, em verdade, resultados do processo de escolarização.

Neste enquadramento teórico, Heath (1982), a partir de uma pesquisa etnográfica no sudoeste dos Estados Unidos, demonstrou que as maneiras de extrair e dar sentido aos livros são aprendidas por crianças pré-escolares com base nas outras interações sociais que caracterizam a vida familiar e comunitária. Ao registrar e analisar essas interações em três localidades com perfis socioeconômicos e níveis de escolarização distintos, a pesquisadora cunhou o termo *evento de letramento* para se referir às "ocasiões em que a linguagem escrita é parte integrante da natureza das interações dos participantes e dos seus processos e estratégias interpretativas" (Heath, 1982, p.

50, tradução nossa). Em outras palavras, um evento de letramento é um momento concreto e situado em que a interação entre os participantes se orienta a partir de um terceiro objeto que é um material letrado, estando ele presente fisicamente ou não no momento do diálogo.

Um evento letrado típico das famílias de classe média, encontrado na pesquisa de Heath, é o momento em que um familiar (geralmente a figura materna) lê/conta um livro para a criança antes de colocá-la para dormir e faz certas perguntas que compõem um padrão que será repetido, futuramente, no ambiente escolar. Ao longo dos anos, a criança aprende os códigos da interação e habitua-se com o padrão de perguntas e respostas esperadas, de modo que, antes do início do processo de escolarização, já conhece previamente o letramento escolar. Por outro lado, crianças socializadas em grupos com práticas letradas não-hegemônicas ingressam na escola e encontram uma barreira cultural ao serem cobradas de habilidades de extração de sentido dos livros e de circulação pela cultura letrada que exigem uma chave de acesso, herdada nas famílias da classe dominante, que só poderia ser disponibilizada a essas crianças no próprio ambiente escolar. Kleiman sintetiza os efeitos desse processo para os dois grupos:

> Heath (1982, 1983) mostra que o modelo universal de orientação letrada, o modelo prevalente na escola, constitui uma oportunidade de continuação do desenvolvimento linguístico para crianças que foram socializadas por grupos majoritários, altamente escolarizados, mas representa uma ruptura nas formas de fazer sentido com base na escrita para crianças fora desses grupos, sejam eles pobres ou de classe média com baixa escolarização (Kleiman, 1995, p. 39).

Desse modo, percebe-se que a relação estabelecida com materiais letrados antes da escolarização atua como um fator determinante no sucesso escolar na medida em que as orientações do letramento escolar são um desdobramento das práticas letradas dos grupos dominantes.

Com base na definição de evento de letramento, Brian Street cunhou o conceito de *práticas de letramento*, que se situa em um nível mais elevado de abstração ao se referir tanto ao comportamento quanto aos valores sociais e culturais que atribuem sentido aos usos da leitura e da escrita (Street, 2014). Assim, em eventos de letramento, os participantes mobilizam práticas letradas que demonstram as orientações de letramento de um determinado grupo.

Em nossa pesquisa, as concepções de eventos de letramento e práticas letradas assumem um lugar central. O primeiro conceito torna-se pertinente na medida em que

o campo é um cursinho pré-universitário, logo, materiais escritos assumem papéis fundamentais no cotidiano dos educandos, e os principais cenários investigados envolvem aulas de literatura e oficinas de um grupo de leitura, dois contextos pedagógicos que se constituem intrinsecamente como experiências letradas. Assim, a concepção de evento de letramento é a ferramenta teórica que possibilita descrever, compreender, analisar e interpretar as formas de interação entre educandos, educadores e materiais escritos. O segundo conceito é importante para a nossa pesquisa, pois possibilita a identificação dos padrões mobilizados pelos educandos, que revelam as suas orientações de letramento, para participar de eventos de letramento e também viabiliza a análise das relações estabelecidas entre estudantes e experiências letradas.

Neste artigo, focalizamos a análise dos eventos de letramento encontrados na pesquisa[4] . Na próxima seção, apresentamos os aspectos metodológicos que caracterizaram o trabalho de campo.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Iniciamos esta seção com a menção a três estudos que foram fundamentais para a delimitação dos aspectos metodológicos. Por um lado, a pesquisa etnográfica desenvolvida pela professora e pesquisadora Bibiana Silva (2012, 2021) acerca das práticas de letramento de estudantes de uma escola pública da periferia de Porto Alegre (RS) forneceu uma base tanto para a organização dos métodos de geração de dados quanto para o estabelecimento das categorias analíticas. Por outro lado, o texto "Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da Antropologia", de Tim Ingold (2016), e o livro *Etnografia para educadores*, de Amurabi Oliveira (2023), orientaram o nosso entendimento sobre a etnografia e a nossa postura em campo e fora dele. Desse modo, nossa pesquisa organiza-se com base num aporte teórico-metodológico interdisciplinar que relaciona perspectivas e reflexões dos campos das Letras e das Ciências Sociais, como ocorre com frequência na área dos estudos de letramento. Ao longo deste artigo, faremos uso desses trabalhos de acordo com as suas contribuições para a nossa pesquisa.

Neste momento do texto, é válido mencionar algumas das reflexões propostas por Ingold para situar o entendimento teórico que sustentou as nossas ações em campo. Alinhamo-nos com o antropólogo no entendimento da etnografia como um projeto de descrição feito a partir da conversão retrospectiva da experiência, da memorização e dos registros. Nessa perspectiva, buscamos descrever os eventos e as práticas de letramento

4 A discussão acerca das práticas letradas será explorada em outros trabalhos.

presentes nas interações entre educandos e educadores do cursinho popular com base naquilo que foi vivido em campo e registrado através de diferentes fontes. Nesse viés, a observação e a participação não são dicotomizadas, pois há um entendimento de que estar no campo é estar consciente e *atencionalmente* ao lado do outro. Em síntese, a natureza responsiva da observação participante leva o pesquisador a educar as suas habilidades de percepção e prestar atenção aos sujeitos e às coisas que constituem o campo.

No nosso trabalho, apesar de a pesquisa ter sido desenvolvida estritamente durante o ano de 2025, o vínculo com o cursinho popular já estava estabelecido desde 2023 devido à atuação de uma das pesquisadoras como educadora. Assim, a tradicional etapa de inserção no campo foi substituída pela atribuição de um novo papel a um sujeito que já ocupava um lugar no campo. Esse duplo papel corrobora a perspectiva da observação participante na medida em que o pesquisador atua também como um integrante das interações que percebe a si e aos outros, tanto para construir metodicamente uma investigação quanto para se educar e transformar a sua própria prática. Em suma, como propõe Amurabi Oliveira (2023, p. 33), "no caso da etnografia em educação, o pesquisador conhece bem aquele espaço e seus agentes de perto, porém a proposta não passa a ser conhecer algo novo, mas conhecer de uma nova forma".

Esse entendimento sobre o estar e o agir no campo alinha-se com as reflexões propostas por Paulo Freire e Antonio Faundez na obra *Por uma pedagogia da pergunta* (1985) acerca do papel ocupado pelo intelectual ao lado das camadas populares. Para os autores, cabe ao intelectual assumir uma "verdadeira humildade", em que não haja nem a subestimação nem a superestimação do seu papel, para que, assim, possa unir os seus saberes com os das massas populares. Nessa perspectiva, Freire afirma:

> Reivindico um papel nesta luta ao lado das classes trabalhadoras, mesmo porque estou convencido de que o meu papel como intelectual só se solidifica, se robustece, só tem sentido na medida em que este papel se cumpre *com* as classes trabalhadoras e não *para* elas, pior ainda, *sobre* elas (Freire, Faundez, 1985, p. 70).

Ainda que existam diferenças e assimetrias entre os papéis atribuídos à educadora/pesquisadora e aos educandos/sujeitos da pesquisa, a etnografia e a observação participante possibilitam, justamente, essa construção do conhecimento ao lado do outro, numa rede de trocas de saberes, no nosso caso, entre educandos e educadores/pesquisadores. Através das entrevistas semiestruturadas e das conversas nos corredores do cursinho e em sala de aula, registradas em gravações e diários, alcançamos um

entendimento sobre a relação entre os participantes do campo e experiências letradas que toma como base a conexão entre leituras teóricas, que acessamos como pesquisadores, e leituras de mundo (Freire, 2006), que conhecemos nos discursos dos educandos. Dessa forma, as reflexões e discussões apresentadas na próxima seção resultam dessa compreensão conjunta e situada.

A realização da pesquisa seguiu um cronograma que considerou um período em campo que possibilitasse a elaboração de um trabalho de conclusão de curso por parte de uma das pesquisadoras envolvidas. O início das atividades foi marcado pela elaboração do projeto de pesquisa e pelo diálogo com a coordenação pedagógica e institucional do cursinho. Diante do aceite da coordenação, foi realizada a submissão do projeto ao Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos. Após a aprovação do órgão institucional, a pesquisa foi apresentada aos educandos do cursinho, decorrido um mês de aulas, e a geração de dados foi iniciada. As principais etapas desse cronograma podem ser visualizadas de forma resumida no quadro a seguir (Quadro 1).

Quadro 1: Síntese do cronograma da pesquisa

Período	**Etapas**
Janeiro a março de 2025	1) Elaboração do projeto de pesquisa.
	2) Diálogo com a coordenação pedagógica e institucional do cursinho.
	3) Submissão do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP).
	4) Aprovação do projeto de pesquisa pelo CEP.
Abril a setembro de 2025	5) Início das aulas no cursinho popular.
	6) Apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Assentimento.
	7) Geração de dados: escrita de diários de campo (a partir de abril); gravação em áudio de aulas de Literatura e oficinas do grupo de leitura (a partir de maio); e gravação em áudio de entrevistas semiestruturadas com educandos (a partir de junho).
	8) Escrita do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de uma das pesquisadoras (a partir de agosto).
Outubro a dezembro de 2025	9) Finalização e defesa do TCC.

Fonte: Elaboração própria.

Com o início das aulas no cursinho, o contato com o campo seguiu uma frequência semanal, conforme as aulas de Literatura, ministradas durante um período de

55 minutos por semana. Além disso, esse contato também ocorreu mensalmente aos sábados, de acordo com as oficinas do Grupo de Leitura, realizadas em um sábado à tarde, com duas horas de duração. A presença assídua em campo possibilitou a ocorrência de muitas interações com os participantes do cursinho popular tanto em momentos pedagógicos, durante as aulas e oficinas, quanto em conversas de corredor, nos intervalos e nos períodos anteriores e posteriores às atividades institucionais. Devido a esse contato constante, também foi possível construir um considerável banco de dados, com gravações em áudio e diários de campo, detalhados no quadro a seguir (Quadro 2).

Quadro 2: Síntese da geração de dados

Fonte	Número de registros	Número de horas/ páginas
Diários de campo	24 diários	87 páginas
Gravação em áudio de aulas	26 aulas	23h 37min 45s
Gravação em áudio de oficinas	5 oficinas	10h 36min 37s
Gravação em áudio de entrevistas	13 entrevistas	6h 16min 17s

Fonte: Elaboração própria.

Para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso de uma das pesquisadoras, estabelecemos um recorte do banco de dados construído e trabalhamos com os diários de campo e as gravações em áudio de entrevistas semiestruturadas. Inicialmente, identificamos o registro de ocorrências de eventos de letramento no diário de campo e estipulamos três categorias de análise de acordo com a natureza do evento, o modo de composição e o modo de iniciação.

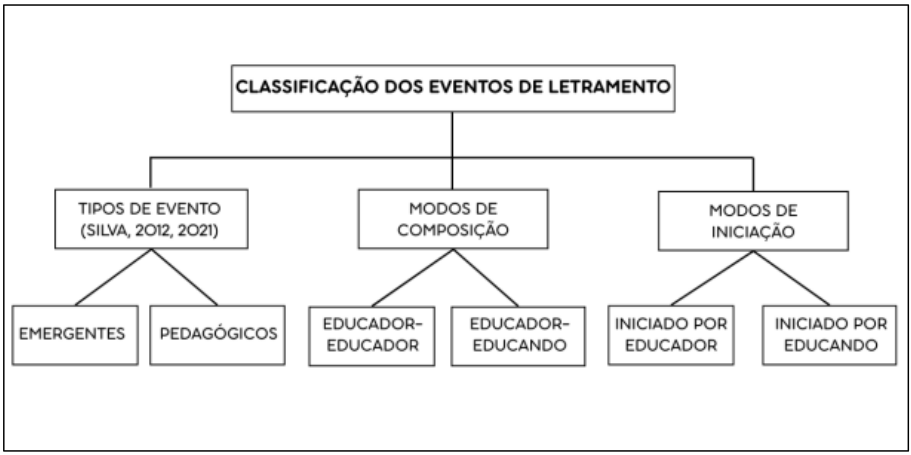
A primeira categoria de análise foi elaborada por Bibiana Silva (2012, 2012) na sua pesquisa citada anteriormente. Conforme a pesquisadora, há uma diferenciação entre eventos de letramento emergentes e pedagógicos, na medida em que estes se referem aos momentos em que há um participante visto como o mais responsável pela interação (a figura do professor, por exemplo) e objetivos pedagógicos/institucionais a serem alcançados. Já o letramento emergente é aquele realizado com interações em que a linguagem escrita é tematizada espontaneamente pelos participantes, sem estar vinculada a metas institucionais. Em nossa pesquisa, identificamos os eventos de letramento pedagógicos e emergentes registrados em diário de campo.

A segunda categoria de análise refere-se à posição ocupada pelos membros participantes dos eventos de letramento no espaço do cursinho popular. Assim, os eventos foram classificados como compostos apenas por educadores ou pela díade educador-educando. A terceira composição possível, formada apenas por educandos,

não foi passível de ser encontrada na pesquisa de campo, uma vez que, através da observação participante, todas as interações registradas tiveram a participação de uma das pesquisadoras como educadora.

Por fim, a terceira categoria de análise diz respeito ao modo de iniciação do evento de letramento e diferencia-se entre iniciação por educador e iniciação por educando. Nessa categoria, o foco está na posição ocupada pelo participante cujo proferimento desencadeou a ocorrência do evento de letramento. O quadro a seguir (Quadro 3) apresenta uma síntese do processo de classificação com base nas três categorias apresentadas.

Quadro 3: Classificação dos eventos de letramento



Fonte: Elaboração própria.

Na próxima seção, apresentamos um recorte dos resultados encontrados. Para tanto, apresentamos exemplos de trechos de diários de campo que registram a ocorrência de eventos de letramento emergentes e pedagógicos, classificados a partir do seu modo de composição e de iniciação.

4 ACHADOS DO CAMPO

No diário de campo, encontramos 70 registros de eventos de letramento, sendo que apenas um evento (emergente) foi composto exclusivamente por educadores. Todos os outros foram formados pela díade educador-educando. Dentre os 70 eventos registrados, 41 ocorrências foram classificadas como eventos de letramento pedagógicos e 29 como eventos de letramento emergentes (ver Quadro 4). É importante pontuar que

o número de eventos de letramento pedagógicos já era esperado, tendo em vista que é resultado de cerca de sete meses de aulas de Literatura e de cinco oficinas de um grupo de leitura no espaço do cursinho popular. Por outro lado, a ocorrência significativa de eventos de letramento emergentes, que, por sua própria natureza, não podem ser planejados e dependem de iniciativas livres de objetivos e fins pedagógicos, indica que o cursinho popular se apresenta como um espaço propício para a emergência de conversas entre educandos e educadores nas quais experiências e materiais letrados são tematizados.

Quadro 4: Ocorrências de eventos de letramento

CLASSIFICAÇÃO DOS TIPOS DE EVENTO DE LETRAMENTO		
TIPO DE EVENTO	**OCORRÊNCIAS**	**PERCENTUAL**
EMERGENTES	29	41, 43%
PEDAGÓGICOS	41	58, 57%
TOTAL	70	100%

Fonte: Elaboração própria.

Neste momento, apresentamos, a título de exemplificação, um trecho de diário de campo que registra um evento de letramento pedagógico situado numa aula de literatura.

> *Faço a leitura em voz alta do conto "A ponte", de Veronica Stigger, e percebo que os educandos de fato estão acompanhando o texto na folha. Faço uma pausa nas primeiras linhas e pergunto se eles estão entendendo. Lia diz que não entendeu muito. Na segunda pausa, pergunto o que eles acham que vai acontecer. Amélia diz que a moeda vai ser importante para alguma coisa. Thomas diz que ele vai atravessar a ponte e cair. Instigo Davi e Lia para saber se eles acham que o personagem atravessará a ponte e os dois concordam. Segundo Davi, "ele está superando o medo".*
>
> *Nas últimas linhas do conto, Thomas grita: "PUTA MERDA… É A MORTE". E fica muito extasiado e feliz. Os outros educandos parecem se assustar e entender ao mesmo tempo. Termino a leitura e Thomas está encantado. Diz que então ele caiu da ponte, e eu proponho a ideia de que a ponte poderia ser uma ponte entre a vida e a morte. Amélia concorda e diz que é como a imagem do céu, de uma ponte que leva até ele. Já está na hora de encerrar a aula e liberá-los para o próximo período. Pergunto se gostaram e todos concordam com a cabeça* (Trecho do diário de campo do dia 30 de abril de 2025).

Vale situar, para o leitor, alguns aspectos que marcam esse evento de letramento. Primeiramente, é importante observar que só havia quatro educandos participando da aula nesse dia: Amélia, Davi, Lia e Thomas. No final da leitura, Thomas, um

educando muito participativo e expressivo, fica extasiado ao alcançar outro patamar de entendimento do texto e a sua reação afeta também a compreensão dos outros educandos acerca da narrativa. Nesse momento, há uma breve troca de turnos de fala entre educandos e educadora para compartilhar interpretações acerca do conto e, então, a aula é encerrada em função do limite de tempo. O diário de campo segue com o registro dos movimentos da educadora até a sala da coordenação do cursinho, após a finalização da aula. A chegada à sala da coordenação leva ao registro de uma cena inesperada.

> *Quando estou chegando na sala da coordenação, avisto Thomas na porta. Entro e me deparo com os educadores Billie e Luís e as coordenadoras Maria e Vanessa ouvindo Thomas contar, extasiado, que no final era a morte. Billie me pergunta o que eu passei para eles e todos dão risada. Thomas continua falando, diz que o plot twist foi muito bem escrito, e tenta lembrar o nome do "cara que pega a moeda na mitologia". Falo novamente que a escritora virá para a cidade, e ele diz que vai falar para ela que o texto foi muito bem escrito e "explodiu a sua cabeça". Thomas sai da sala, ainda num entusiasmo catártico, falando que vai ficar pensando nisso no feriado* (Trecho do diário de campo do dia 30 de abril de 2025).

O entusiasmo de Thomas com o conto foi tão grande que o educando decidiu compartilhar a experiência letrada com outras pessoas do cursinho por livre e espontânea iniciativa. Desse modo, esse registro é um exemplo de um evento de letramento emergente que, nesse caso, sucedeu-se após um evento de letramento pedagógico. É interessante observar como os outros participantes da interação são educadores e coordenadores do cursinho. É diante desse público que o educando compartilha as suas impressões sobre o texto literário lido na aula de Literatura minutos atrás. Percebe-se que esse diálogo entre Thomas e os educadores/coordenadores tem como pilar de sustentação a experiência prévia de contato com o material escrito, que fornece uma espécie de chave para a interação entre o educando e os educadores. Vale pontuar que Thomas é um educando que realiza esse movimento de compartilhamento de experiências letradas frequentemente.

É interessante observar que a maior parte dos eventos de letramento emergentes encontrados seguiu este padrão, com a iniciação sendo feita por um educando. Por outro lado, quando nos atentamos para a ocorrência dos eventos de letramento pedagógicos, percebemos o movimento contrário, em que a maior parte das iniciações é feita por um educador, de acordo com a própria natureza do evento. O quadro a seguir (Quadro 5) apresenta os dados quantitativos que corroboram essa análise.

Quadro 5: Classificação dos modos de iniciação dos eventos de letramento

MODOS DE INICIAÇÃO DOS EVENTOS DE LETRAMENTO		
	EMERGENTES	**PEDAGÓGICOS**
INICIADO POR EDUCADOR	11	37
INICIADO POR EDUCANDO	19	4
TOTAL	30	41

Fonte: Elaboração própria.

Apesar de a maior parte dos eventos de letramento pedagógicos estar inserida em momentos situados em aulas ou oficinas, há também ocorrências desse tipo de evento em situações anteriores ou posteriores a atividades pedagógicas. Esse é o caso do próximo evento, apresentado abaixo.

> *Após a finalização da aula, Cristian pergunta se Noites brancas é um livro do Romantismo também porque ele já ouviu falar dele. Pergunto se ele já leu e se indica a leitura, pois eu ainda não li; ele responde com dois "sim" muito seguros. Quando o questiono se ele gosta de literatura clássica, Cristian responde que gosta mais de Filosofia mesmo* (Trecho de diário de campo do dia 09 de julho de 2025).

Essa interação entre educadora e educando ocorre após a finalização da aula de Literatura, ainda em sala de aula, e é inicializada pela verbalização de abertura da educadora para dúvidas. O educando em questão aproveita esse momento para sanar uma dúvida relacionada com o conteúdo estudado na aula que foi finalizada há pouco. Apesar desse momento não ter acontecido durante a aula, ele ainda se configura como um evento de letramento pedagógico, uma vez que dá continuidade à discussão feita em aula e alinha-se com objetivos pedagógicos. Desse modo, enquanto, no exemplo anterior, Thomas buscou outros educadores para compartilhar as suas impressões sobre a experiência letrada realizada em sala de aula, neste, Cristian continuou a conversa com a educadora para aprofundar a aprendizagem de um conteúdo programático iniciado em aula.

Por fim, apresentamos mais uma ocorrência de evento de letramento emergente, cuja iniciação, dessa vez, é feita pela educadora, e não pela educanda.

> *Sento no sofá da sala de convivência e pego o meu notebook. A um assento de distância do meu está Bárbara, educanda de outra turma que participa do grupo de leitura, mexendo no celular com fones de ouvido. Cumprimento Bárbara e digo que no próximo sábado acontecerá mais uma oficina do grupo de leitura, caso ela queira participar. Bárbara justifica a sua ausência no último sábado voluntariamente, sem que eu tivesse lhe perguntado. Quando indico que o PDF*

> *do texto que lemos e discutimos está no grupo da turma do Whatsapp, ela logo o localiza no celular, e eu aponto o conto trabalhado ("Sextou", de Geovani Martins). Passam-se alguns minutos, eu estou concentrada em um material no meu notebook, e então Bárbara começa a falar sobre o conto. Ela pergunta: "por que o título é sextou?" e diz que entendeu que tem um problema com o vício da maconha ali no conto. Trocamos comentários sobre o texto, e surpreendo-me com o engajamento dela na conversa, pois até então não tínhamos interagido muito, já que ela não é minha educanda em sala de aula. Bárbara diz que gostou do conto, e que achou interessante a presença das gírias. Abro, no notebook, a entrevista com o autor, Geovani Martins, que assistimos no grupo. Bárbara copia, no celular, o nome da entrevista e o canal do Youtube* (Trecho do diário de campo do dia 10 de junho de 2025).

Essa interação acontece na sala de convivência do cursinho. É interessante observar como esse evento de letramento emergente iniciado pela educadora poderia ter terminado na recomendação do texto literário, localizado pela educanda no celular. No entanto, a educanda, por vontade própria e silenciosamente, realiza a leitura do conto, acessando o material no próprio espaço do cursinho. Em seguida, é ela quem retoma a conversa para compartilhar a leitura recém realizada.

A cada evento de letramento analisado, torna-se ainda mais nítido como o compartilhamento de uma experiência letrada possibilita uma interação entre educandos e educadores que até então não existia naquele momento. Assim, os diferentes espaços do cursinho popular (sala de aula, sala da coordenação pedagógica, sala de convivência, corredor, etc…) tornam-se palcos de conversas fundamentalmente centradas no acesso e/ou no compartilhamento de experiências e materiais letrados, nos quais esses atuam como uma chave que possibilita a participação social. Se, por um lado, essa configuração propicia diálogos letrados que levam ao acesso a novas experiências ou que, para alguns educandos, se constituem como o único espaço para participar de interações dessa natureza, por outro lado, essa interrelação entre educador-material letrado-educando também parece restringir a participação de estudantes com menos contato com materiais textuais. Assim, em nossa pesquisa, educandos que já participam de eventos de letramento parecem acumular mais oportunidades para novas participações, numa espécie de ciclo retroalimentar, que gera índices de participações discrepantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos apresentar os principais aspectos teóricos e metodológicos e um recorte dos resultados elaborados ao longo de um ano de pesquisa em campo em um cursinho popular situado na região central do Rio Grande do Sul. Uma

das pesquisadoras já atuava como educadora de Literatura e mediadora do grupo de leitura, de modo que o vínculo com o campo já estava estabelecido antes do projeto de pesquisa. Assim, ao atrelar a pesquisa à extensão, foi possível gerar dados de fala-em-interação em sala de aula e construir um diário de campo que levou à descrição e à análise da ocorrência de eventos de letramento no cursinho popular.

Nesta última seção, destinada às considerações finais, gostaríamos de destacar que o entendimento situado acerca das relações entre educandos, educadores e materiais textuais só foi alcançado devido à prática da observação participante e à natureza etnográfica da pesquisa. Assim, através do conjunto de vivências em campo, semanalmente, ao longo de um ano letivo, com diferentes formas de registro, foi possível identificar, descrever e analisar tanto a ocorrência de eventos de letramento, que apresentamos neste trabalho, quanto os usos das práticas de leitura e escrita e os valores atribuídos a elas, que aprofundaremos em outros estudos.

Esse contato interdisciplinar entre etnografia, estudos da linguagem e educação popular demonstrou ter, igualmente, um caráter formativo muito importante. Considerando que a pesquisadora em campo estava no processo de finalização de uma licenciatura, percebemos como a pesquisa etnográfica em contextos educacionais tem um potencial formativo na medida em que o pesquisador que atua em campo desenvolve uma percepção mais crítica sobre o seu posicionamento e sobre as suas práticas docentes. Desse modo, estar em campo num duplo papel de pesquisador/educador gera impactos e transformações que apenas o ato de estar no mundo *atencionalmente*, como propõe Ingold, disposto a aprender *com* as pessoas, pode gerar.

Além disso, através da nossa pesquisa, reforçamos a pertinência do diálogo entre a pesquisa etnográfica e os estudos de letramento. Para que se alcance um entendimento de fato situado acerca da presença e dos usos das culturas letradas num dado contexto, como se propõem os estudos de letramento desde as últimas décadas do século XX, é necessário estar em campo com as pessoas. Assim, a etnografia se apresenta como o principal caminho que leva ao alcance desse entendimento e que exige, além do rigor metodológico, um posicionamento ético. Dessa forma, encerramos este trabalho reafirmando nosso alinhamento com a concepção de Paulo Freire acerca da verdadeira humildade que deve perpassar o trabalho ao lado das camadas populares, com elas, e não sobre elas.

REFERÊNCIAS

BONALDI, Eduardo Vilar. "Tentando chegar lá: as experiências de jovens em um cursinho popular". *Tempo social*, Revista de Sociologia da USP, v. 30, n. 1, 2017, p. 259-282.

BRASIL. Ministério da Educação. *Rede Nacional de Cursinhos Populares (Cpop)*. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cpop>. Acesso em: 20 mar. 2026.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. 48ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HEATH, Shirley Brice. "What no bedtime story means: Narrative skills at home and school". *Language in Society*, v. 11, n 2, p. 49-76, 1982.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil: 6ª Edição*. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2024. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2025.

INGOLD, Tim. "Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia". Porto Alegre: *Educação*, v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016.

KLEIMAN, Ângela. *Os significados do letramento*: Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. São Paulo: Editora Mercado de Letras, 1995.

OLIVEIRA, Amurabi. *Etnografia para educadores*. São Paulo: Editora Unesp, 2023.

SCRIBNER, Sylvia; COLE, Michael. *The psycology of literacy*. Cambridge (USA): Harvard University Press, 1981.

SILVA, Bibiana. *É na creche que se aprende a ir pra escola:* um estudo sobre as orientações de letramento das crianças em uma creche comunitária na periferia de Porto Alegre. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

SILVA, Bibiana. *Culturas juvenis e práticas de letramento entre jovens da periferia de Porto Alegre.* Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SOARES, Magda. *Letramento*: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

STREET, Brian. *Literacy in theory and practice*. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1984.

STREET, Brian. *Letramentos sociais*: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola, 2015.